

coleção
**moacyr
scliar**



O Menino e o Bruxo

Ilustrações *Maurício Veneza*

Prêmio FNLIJ – Altamente Recomendável



ea
editora ática

O menino e o bruxo
© Moacyr Scliar, 2007

<i>Diretor editorial</i>	Fernando Paixão
<i>Editora</i>	Gabriela Dias
<i>Editor assistente</i>	Emílio Satoshi Hamaya
<i>Seção "Por dentro da história"</i>	Veio Libri
<i>Coordenadora de revisão</i>	Ivany Picasso Batista

ARTE	
<i>Projeto gráfico</i>	Victor Burton
<i>Editora</i>	Cintia Maria da Silva
<i>Diagramadora</i>	Thatiana Kalas
<i>Editoração eletrônica</i>	Studio 3
<i>Pesquisa iconográfica</i>	Sílvia Kligin (coord.)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S434m

Scliar, Moacyr, 1937-2011
O menino e o bruxo / Moacyr Scliar ; Maurício Veneza
(ilust.). – 1 ed. – São Paulo : Ática, 2007
120p. : il. ; – (Coleção Moacyr Scliar)

Inclui apêndice
ISBN 978-85-08-11289-0

1. Assis, Machado de, 1839-1908 – Infância e adolescência – Literatura juvenil. 2. Literatura juvenil brasileira. I. Veneza, Maurício, 1951-. II. Título. III. Série.

07-2490. CDD 028.5
CDU 087.5

ISBN 978 85 08 11289-0 (aluno)
ISBN 978 85 08 11290-6 (professor)

2013
1ª edição
9ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2007
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo – SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.





Apresentação

Como quase todo adolescente, Joaquim Maria tem dificuldades para acordar cedo. Mas a cesta de doces que sua madrastra preparou para ele vender na rua já está à sua espera... Não adianta tentar reter as últimas imagens do seu sonho, onde se via com roupas elegantes, rodeado de pessoas importantes que o olhavam com admiração e respeito. Agora, olhos abertos, é mesmo um menino muito pobre, neto de escravos, feio, triste, gago e tímido, que, apesar de gostar muito de ler e escrever, não tem tempo para frequentar a escola – precisa trabalhar o dia inteiro vendendo doces na rua.

Tem enorme imaginação o garoto, e sonha ser escritor algum dia. No entanto, tem tudo para ser apenas mais um menino, como tantos, sem futuro, na cidade do Rio de Janeiro do século XIX. Para piorar, sua saúde é comprometida por frequentes crises, que o fazem desmaiar e perder a consciência.

Mas, justamente num dia em que Joaquim Maria, exausto de percorrer as ruas sem ter vendido nem um único doce sequer, sofre uma dessas crises, ocorre um fato extraordinário, que proporcionará ao garoto o futuro brilhante dos seus sonhos.

Nesta ficção baseada em fatos reais, você vai descobrir o que transformou a vida de Joaquim Maria e como ele se tornou uma das pessoas mais célebres deste país – reverenciado até hoje.



Sumário

Primeira parte

1. Seis horas da manhã:
bairro de São Cristóvão, Rio de Janeiro II
2. Dez horas da manhã: centro do Rio de Janeiro 24
3. Três horas da tarde (aproximadamente):
a casa misteriosa 28
4. Cinco horas da tarde:
num lugar, por enquanto, desconhecido 33
5. Sete horas da noite:
ainda na casa do Cosme Velho 58
6. Sete horas e vinte minutos:
uma aparição inesperada 62
7. Oito horas da noite: conversa decisiva 72
8. Revelações ocorrem, e antes mesmo da meia-noite 81

Segunda parte

E o que aconteceu depois? 93

Bastidores da criação 107

Biografia 109

Por dentro da história III

Primeira parte

1 | *Seis horas da manhã: bairro de São Cristóvão, Rio de Janeiro*

— *A* corde, Joaquim Maria!
O menino mexeu-se na cama, os olhos ainda fechados, resmungou qualquer coisa que podia ser um “já vai, só mais um minuto”. Como muitos rapazes na sua idade, quinze anos, ele tinha dificuldade em acordar. Não: tinha dificuldade em deixar escapar seus sonhos, que, no entanto, já se desfaziam, já desapareciam como a água que some na terra seca. Inutilmente ele tentava lembrar o que tinha sonhado. Porque era uma coisa boa, muito boa; no sonho, ao contrário do que acontecia na sua vida real, vira-se num grande salão, rodeado de pessoas da alta sociedade e usando, ele próprio, uma elegante sobrecasaca: ou seja, naquele sonho era alguém importante, respeitado... Mas importante por quê? Mas respeitado por quê? Menino pobre, humilde, o que o tornara, naquele sonho, digno de atenção e respeito? Se pudesse, adormeceria de novo, para ir em busca de respostas. Mas isso era impossível: desde criança sabia que sonho per-

dido não se recupera. E, mesmo que quisesse, não conseguiria adormecer, porque a madrasta agora insistia:

– Vamos, rapaz, levante! Já é tarde!

O tom de voz era firme, mas não autoritário. Nas histórias de fadas, as madrastas muitas vezes são mulheres tirânicas, malvadas, que atormentam as crianças. A madrasta de Joaquim Maria estava longe de ser assim. Tratava-o bem, mas isso não era suficiente para neutralizar o sofrimento que ele trazia da infância, desde quando, aos dez anos, perdera a mãe, vítima da tuberculose, doença que, naquela época, meados do século dezenove, era muito comum e para a qual não havia cura. Foi uma grande perda, a que outras se somavam. Quatro anos antes havia falecido, ainda criança, sua irmã Maria, uma menina de quem gostava muito. Também perdeu a madrinha, Maria José.

A madrasta, uma mulher sofrida, acostumada às tragédias da vida, bem podia imaginar o quanto essas coisas haviam feito sofrer Joaquim Maria, ainda que o menino, quieto e retraído, jamais se queixasse. Procurava consolá-lo, ajudá-lo, tratá-lo com carinho até. Mas tinha de tirá-lo da cama: eram pobres, e pobre tem de levantar cedo para conseguir o pão de cada dia. O jovem Joaquim Maria sabia disso, sabia que precisava ajudar em casa, e se esforçava. Não lhe era fácil. Problemas não faltavam; mulato, magrinho, feio, era gago e sofria de uma doença que se manifestava sob a forma de crises, durante as quais perdia a consciência: quando acordava, não sabia onde estava e às vezes dizia coisas sem sentido.

A tudo isso somava-se a pobreza. O pai, pintor, podia se dar por feliz quando encontrava algum trabalho, mesmo mal pago. A madrasta ganhava um magro salário trabalhando